pedocs
Open Access Erziehungswissenschaften

DIPF

Entrevista com a Profa. Dra. Rachel Rosenstock sobre a língua de sinais Alemã no ensino superior e na pesquisa universitária

Ecos de Linguagem 8 (2018), S. 10-14

Quellenangabe/ Reference:
Johnen, Thomas [Interviewer]; Rosenstock, Rachel [interviewte Person]: Entrevista com a Profa. Dra. Rachel Rosenstock sobre a língua de sinais Alemã no ensino superior e na pesquisa universitária - In: Ecos de Linguagem 8 (2018), S. 10-14 - URN: urn:nbn:de:0111-pedocs-254671 - DOI: 10.25656/01:25467

https://nbn-resolving.org/urn:nbn:de:0111-pedocs-254671
https://doi.org/10.25656/01:25467

Nutzungsbedingungen

Dieses Dokument steht unter folgender Creative Commons-Lizenz: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.de - Sie dürfen das Werk bzw. den Inhalt unter folgenden Bedingungen vervielfältigen, verbreiten und öffentlich zugänglich machen: Sie müssen den Namen des Autors/Rechteinhabers in der von ihm festgelegten Weise nennen. Dieses Werk bzw. dieser Inhalt darf nicht für kommerzielle Zwecke verwendet werden und es darf nicht bearbeitet, abgewandelt oder in anderer Weise verändert werden.
Mit der Verwendung dieses Dokuments erkennen Sie die Nutzungsbedingungen an.

Terms of use

This document is published under following Creative Commons-License: http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/deed.en - You may copy, distribute and transmit, adapt or exhibit the work in the public as long as you attribute the work in the manner specified by the author or licensor. You are not allowed to make commercial use of the work or its contents. You are not allowed to alter, transform, or change this work in any other way.

By using this particular document, you accept the above-stated conditions of use.

Kontakt / Contact:

peDOCS
DIPF | Leibniz-Institut für Bildungsforschung und Bildungsinformation
Informationszentrum (IZ) Bildung
E-Mail: pedocs@dipf.de
Internet: www.pedocs.de

Mitglied der Leibniz-Gemeinschaft

ENTREVISTA COM A PROFA. DRA. RACHEL ROSENSTOCK SOBRE A LÍNGUA DE SINAIS ALEMÃ NO ENSINO SUPERIOR E NA PESQUISA UNIVERSITÁRIA

Thomas Johnen e Rachel Rosenstock (Westsächsische Hochschule Zwickau)

Professora Dra. Rachel Rosenstock, professora universitária de interpretação em língua de sinais da Westsächsischen Hochschule Zwickau, responde a perguntas relacionadas à sua carreira, aos campos de pesquisa, assim como à situação da língua de sinais alemã (DGS) na Alemanha.

TJ: Bom dia, Rachel. Obrigada por ter tomado o seu tempo para participar desta entrevista para a revista *Ecos de Linguagem,* do Rio de Janeiro. Você é professora universitária de interpretação em Língua de Sinais com ênfase em linguística da Westsächsischen Hochschule Zwickau. A língua de sinais, como curso de Ensino Superior, ainda não é muito difundida na Alemanha. O que fez você se interessar por língua de sinais?

RR: É uma boa pergunta. Afinal, geralmente, acredito eu, as pessoas que costumam se interessar por essa língua são aquelas que adquirem contato com ela na família ou no trabalho. O meu interesse se deu, no entanto, por acaso. Eu me encontrava em uma fase de orientação profissional quando tinha 15 anos. Nessa época fiz um estágio escolar e, através dele, entrei em contato com a comunidade de língua de sinais. Infelizmente não pude estagiar nessa área porque não tinha competência linguística em língua de sinais. Eu, então, fiz meu estágio em outro lugar, mas paralelamente comecei a aprender a língua de sinais alemã – Isso foi há 20 anos atrás. Na Alemanha, naquela época, a língua de sinais era ensinada pelas próprias pessoas surdas e, por isso, era oferecida em cursos dados em associações. Era, então, um âmbito bem pequeno e agradável. Nossos professores, naquela época, não tinham formação como instrutores de línguas. Eles faziam uso somente do conhecimento deles para ensinar – do conhecimento de língua, inicialmente com muito pouca metareflexividade, e muito pouca didática. Então, ao passar dos anos, estudei paralelamente à escola a língua de sinais e, depois da conclusão do Ensino Médio comecei a estudar Línguas de Sinais na Universidade de Hamburgo. Essa era a única graduação na área oferecida na Alemanha na época.

TJ: E depois você também começou a se ocupar de línguas de sinais numa perspectiva internacional...

RR: Exatamente. Em Hamburgo a situação na época era tal que você podia entrar num curso de graduação e mestrado integrados (Magister) na área de língua de sinais. O curso incluía aspectos sociais e linguísticos. Os professores eram em grande parte linguistas sem formação em língua de sinais, mas que, após algum tempo, tiveram contato com as línguas de sinais durante a sua carreira de pesquisa. Porém, eu me entusiasmei bastante em me aprofundar nos aspectos linguísticos e a única universidade na qual, sob a minha perspectiva na época, era possível fazê-lo era a Gallaudet University em Washington, DC. Eu fiz então o meu máster e o meu doutorado lá. A Gallaudet University é especial porque na graduação, isto é, nos cursos de Bachelor of Arts há exclusivamente alunos surdos. No máster e no doutorado alunos surdos e alunos que não o são estudam juntos. Lá encontrei também o que procurava, pois, nessa universidade, muitos dos professores eram, ou eles mesmos surdos ou pessoas que não são surdas, mas que possuíam uma longa carreira de pesquisa desde o começo da linguística de língua de sinais. Isso foi o que me entusiasmou muito por esse curso. Antes dos meus estudos na Gallaudet University houve um incidente que foi para mim um grande desencadeador do meu interesse na dimensão internacional das línguas de sinais. Em um aeroporto francês, encontrei uma pessoa surda que era do Egito. Eu dominava

a língua de sinais alemã e ele a egípcia. Nós nos identificamos como falantes de língua de sinais e, sem nenhum conhecimento linguístico em comum, conversamos durante quase duas horas de tal modo que, pelo menos depois, pareceu-nos aos dois que nos falamos sobre as nossas histórias familiares, nossas vidas e nossas situações profissionais. Isso se deu porque as línguas de sinais são muito icônicas e pela modalidade visual-gestual muitas coisas podem ser expressas de maneira visual, de tal modo que a comunicação é possível até mesmo além dos limites das línguas. Essa experiência foi uma experiência chave que continuou a se reproduzir na Gallaudet University, pois lá havia vários estudantes internacionais e a comunicação com eles em línguas de sinais sempre foi bem rápida e fácil e, em línguas orais, no entanto, complicadas. Foi assim que acabei fazendo minha tese de doutorado sobre *International Sign*, ou seja, comunicação em língua de sinais além dos limites das línguas individuais.

TJ: E quais são os seus temas de pesquisa atualmente?

RR: A Westsächsische Hochschule é uma I.E.S. com uma forte ênfase em pesquisa aplicada e, por isso, o meu foco na pesquisa sempre está relacionado às necessidades da prática. Realizamos um pequeno projeto de pesquisa sobre o uso da língua por pessoas idosas que sofram de demência. Além disso, pesquisei em um corpus de dados linguísticos de crianças (DGS em aquisição da língua) e, atualmente, estamos preparando uma proposta de um projeto de pesquisa sobre interpretação de língua de sinais em contextos escolares includentes, ou seja, quando crianças surdas são ensinadas junto com crianças que ouvem na mesma sala de aula com auxílio da interpretação do conteúdo da aula para as línguas de sinais. Quanto a estes temas de pesquisa, há, aparentemente, pouca coerência, mas eles têm em comum que são pesquisas aplicadas e de relevância prática, ou seja, os resultados têm significado direto em relação a coisas práticas para a vida de pessoas surdas. Isso, para mim, é sempre importante. Basicamente, meus principais interesses são relacionados à área da sociolinguística.

TJ: Eu considero o projeto de inclusão interessante também para os nossos leitores brasileiros porque no Brasil há uma intenção política de proporcionar a inclusão, em parte através da presença obrigatória dos professores que saibam a língua de sinais brasileira LIBRAS. Você poderia falar mais sobre a sua experiência nesse projeto na Alemanha?

RR: Bom, esse projeto está relacionado a algumas extensões de formação continuada que foram oferecidas na Westsäschsische Hochschule Zwickau para intérpretes já atuantes que trabalhem em ambientes de inclusão. O tema da inclusão de crianças deficientes em escolas regulares está bem atual, particularmente sob a perspectiva da Convenção de Direitos de Deficientes da ONU, que ressalta bastante que pessoas deficientes em todas as áreas da sociedade sejam incluídas e definitivamente, vale muito a pena apoiá-lo. Contudo, o ambiente escolar é problemático para crianças surdas porque elas, devido às constelações linguísticas familiares, raramente têm acesso à língua de sinais desde o nascimento. Isso se dá pelo fato de que apenas aproximadamente cinco a dez por cento de todas as crianças surdas crescem em famílias com pais surdos e poucos pais que ouvem aprendem a língua de sinais suficientemente cedo e bem para poderem se comunicar com seus filhos de maneira integral em línguas de sinais. Isso resulta em uma situação linguística difícil para as crianças ao entrarem na escola, cujas circunstâncias são tais que elas entram com a língua oral e a língua de sinais deficitárias. Assim, os intérpretes têm que interpretar algo que as crianças não compreendem devido à deficiência na língua das mesmas. Por isso há uma crítica por parte das associações de defesa dos interesses das pessoas surdas de que o apoio precoce e o estabelecimento da competência de língua de sinais deve começar muito antes para que a inclusão possa dar certo. Por isso, é necessário, na situação atual, desenvolver

concepções melhores de apoio a aquisição precoce da Língua de Sinais Alemã, , e isso deve suceder bem antes da entrada na escola.

TJ: Jardins de infância bilíngues, em que mesmo as crianças que ouvem aprenderiam desde o início a língua de sinais, não seriam uma solução?

RR: Exatamente essa abordagem já foi implementada em algumas cidades grandes. Já existem jardins de infância bilíngues em Hamburgo e em Berlim e vai abrir um também em Dresden. E o que é interessante é que a aceitação dos pais ouvintes de crianças ouvintes, que não têm, então, contato algum com línguas de sinais ou com pessoas surdas, é bem grande e o entusiasmo em relação a isso também é grande, de tal modo que dizem: "Isso é uma segunda língua", e que esses pais, então, veem a aquisição da língua de sinais como uma forma de bilingualismo normal e avaliam isso de forma positiva. É interessante observar que entre os pedagogos de crianças surdas, existe a visão petrificada há muito tempo de que uma abordagem oral é preferível e que as línguas de sinais interferem de maneira negativa na aquisição de línguas orais. Essa é, naturalmente, uma posição insustentável do ponto de vista linguístico, pois sabemos que o bilinguismo não é nocivo para a criança, mas, sim, proveitoso. Ainda precisa-se avançar muito em relação a isso.

TJ: Voltando ao âmbito universitário, qual a posição dos Estudos de Línguas de Sinais no panorama da investigação nas I.E.S na Alemanha? RR: Conforme mencionei anteriormente, estudei na Universitde de Hamburgo e, naquela época, tratava-se do único curso universitário na área de língua de sinais que existia. Atualmente, existe outro na Universidade de Humboldt de Berlim com um foco nos Estudos Culturais que se chama *Deaf Studies* . Além disso, existem alguns cursos universitários em interpretação de língua de sinais, entre os quais há um aqui em Zwickau, que representamos. O interessante é que a elevação das línguas de sinais a uma área acadêmica é problemática em alguns pontos porque a pesquisa está menos avançada do que a prática, i.e., existe uma formação de intérprete, embora nós, estamos perante a situação difícil que nos obriga ensinar a alunos universitários sem conhecimento prévio de língua de sinais esta língua sem poder apoiar-nos em muitos materiais de ensino empiricamente fundados, sendo que, na Alemanha, há pouco deste material . Existem, atualmente, vários manuais de ensino, dentre os quais alguns são bastante sólidos, mas uma descrição gramatical sistemática da língua de sinais alemã, por exemplo, ainda está por ser feita. Isso resulta em um dilema interessante para os professores de língua de sinais, que são, em geral, eles mesmos surdos, pois os alunos perguntam, naturalmente, com frequência por regras e sobre a sistemática da língua, mesmo porque há entre eles alunos ouvintes que tiveram aulas de língua estrangeira durante a sua formação escolar e, nas escolas, a abordagem na sala de aula é mais prescritiva. Na aula de língua de sinais, a língua é adquirida em grande parte através da atuação verbal exemplar dos usuários de línguas de sinais. Por outro lado, deve-se reconhecer que os graduados do nosso curso cujo contato com a língua de sinais alemã ocorreu principalmente no âmbito dos estudos , muitas vezes, não usam a língua com tanta naturalidade. Isso resulta em uma utilização frequentemente muito mecânica da língua. Por isso, muitos surdos falam de uma língua de sinais de intérpretes, o que significa que os alunos possuem certos esquemas frasais e que apenas sabem seguir um esquema entre várias possíveis. Isso representa um problema para a formação, pois, quando falta uma descrição da língua como base, a necessidade da absorção de uma grande variedade de exemplos da língua tornar-se-ia necessária na formação universitária. Contudo, isso é complicado de se organizar.

Na Alemanha existe um grande projeto de pesquisa que é promovido no momento – o Corpus-Projekt –, em cujo âmbito foi levantado um grande número de dados linguísticos de usuários de línguas de sinais.

O material do corpus varia quanto à idade, gênero e origem. Os dados estão atualmente na Universidade de Hamburgo na reeditoração. Serão anotados e preparados para serem publicados. As instituições de ensino esperam ansiosamente pela publicação deste corpus, pois, através dele, materiais de ensino podem ser disponibilizados de uma outra maneira.

TJ: Falamos agora muito sobre a formação, mas ainda não sobre os alunos. Qual é o perfil profissional futuro deles?

RR: O nosso curso de graduação aceita vinte alunos por semestre, dos quais um ou dois são filhos de pais surdos, i.e., estes entram no curso já com bons conhecimentos linguísticos e culturais e o resto trata-se de alunos de língua de sinais que tiveram, anteriormente, pouco ou nenhum contato com a língua de sinais alemã. A procura de intérpretes de língua de sinais continua sendo muito grande na Alemanha. Essa tendência se dá em parte porque a convenção de deficientes da ONU foi ratificada na Alemanha, mas no momento a implementação nas leis parciais ainda não foi completamente efetuada. Então, o governo federal comprometeu-se a impulsionar, por exemplo, a inclusão no âmbito cultural. Até agora os custos de intérpretes nesta esfera ainda não foram assumidos pelos cofres públicos. Os custos de intérpretes na vida profissional, no caso de doença, contato com cargos do Estado como, por exemplo, cargos e órgãos públicos, em contrapartida, foram assumidos, mas a necessidade também é relativamente alta nas outras esferas da vida.

TJ: Isso significa que a demanda de intérpretes a médio e longo prazo ainda crescerá enormemente?

RR: Sim, ela vai crescer nessa área e quanto mais situações escolares particulares existirem em que crianças são ensinadas em classes regulares, mais intérpretes de língua de sinais serão necessários na área da escola inclusiva. Deve-se imaginar que, para uma criança dessas, quatro a cinco intérpretes trabalhem, pois eles irão se revezar durante o dia. E essa demanda continua crescendo.

TJ: Como serão financiados os custos de intérpretes de língua de sinais?

RR: Os conhecimentos que pessoas surdas devem ter para conhecer os diferentes financiadores e para se organizarem são muito, muito complexos. Existem, por exemplo, financiadores direcionados à escola inclusiva – a agência de assistência social. Existe também o serviço de integração, que trabalha junto com as agências de integração a fim de suprirem os custos de intérpretes no seu trabalho. As caixas de aposentadoria e de saúde são responsáveis pelos custos de dos intérpretes atuando na área de saúde. Então é preciso sempre identificar o financiador de acordo com a situação e esclarecer a si mesmo de que maneira o pagamento será regrado. Um programa de financiamento alternativo seria o orçamento pessoal. Todos os deficientes na Alemanha têm direito a ele. Através desse programa é deduzido um custo necessário total que abrange todas as situações da vida. Esse orçamento é administrado pela própria pessoa deficiente. Particularmente para pessoas surdas isso é um grande avanço em direção à independência, pois, em geral, elas são capazes de regrar suas finanças sozinhas. Contudo, isso é um verdadeiro trabalho de administração.

TJ: Isso significa que os alunos de graduação em interpretação de línguas de sinais têm uma perspectiva de emprego muito boa?

RR: Sim, temos uma cota bem alta de concluintes de quase 99% - e esse um por cento restante é devido à licença de maternidade ou de paternidade. Então podemos dizer que nós temos pleno emprego no caso de nossos concluintes. Todos que querem trabalhar nesse ofício o fazem. Existem vários intérpretes que reduzem a sobrecarga do dia-a-dia, pois trata-se de um ofício muito exigente, por exemplo ao trabalhar como funcionário em um cargo de assessoria ou ao exercer uma outra função paralelamente

e trabalhar como intérprete durante meio-expediente. Porém aqueles que quiserem trabalhar nesse ofício o podem em qualquer parte da Alemanha.

TJ: Muito obrigado mais uma vez por ter tomado o seu tempo para esta entrevista.

Recebido em 17 de setembro de 2016.
Aprovado em 06 de novembro de 2016.